

A II BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE MATO GROSSO E A RESISTÊNCIA DA VANGUARDA

Por mais absurdo que possa parecer, existe sim, uma Bienal em pleno coração do Brasil exclusivamente voltada para a produção musical brasileira de obras de concerto, onde os mais expressivos grupos de música erudita do país e um seleto “time” de compositores / pensadores estará presente entre nós para um grande encontro, já em sua segunda edição e que se coloca entre os mais importantes da América do Sul. Uma mostra abrangente que estabelece um arco que vai desde poéticas em que a viola caipira solo é protagonista, e fecha com obras eletroacústicas, onde sonoridades hiper virtuais viajam por espaços sonoros quase visíveis; sem falar em formações instrumentais das mais exóticas e diversas, sempre apresentadas por grupos que se dedicam exclusivamente a montagens de obras contemporâneas. Coisa rara!

Na primeira edição, dois ícones da produção de concerto do país foram homenageados: os compositores Gilberto Mendes (um dos líderes do movimento Música Nova de São Paulo da década de 60) e Edino Krieger (o idealizador da Bienal do Rio de Janeiro, que se encontra em sua 16ª edição). Dois compositores em plena atuação e que ajudaram a construir a história musical do país.

Nesta segunda edição, Marisa Rezende, a maior compositora brasileira viva, estará em foco e merecidamente homenageada com quatro obras suas montadas em primeira audição mundial e outras dezesseis, executadas por todos os grupos participantes do evento.

Dez palestras serão proferidas por compositores do mais alto escalão nacional e suas respectivas pesquisas voltadas para a música e suas conexões com a semiótica, musicologia, estética, processos composicionais, eletroacústica, multimídia e engenharia de gravação; além dos quinze concertos programados, lançamento de CDs, livros, partituras e a reunião de jovens compositores universitários provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Curitiba, Londrina, João Pessoa, Goiânia, e é claro, da novíssima geração de compositores daqui de Mato Grosso, todos da UFMT, para assistirem as montagens de suas obras, troca de informações e participação nas palestras e workshops.

Mas toda essa cachoeira de informação, toda essa rica diversidade sonora ainda parece pouco, ou talvez nada, para algumas cabeças (vazias) da sociedade, que teimam em querer boicotar um evento de tal magnitude. Pena, pois no fundo, este desejo de obstruir um evento produtivo como a II Bienal de Mato Grosso é absolutamente necessário - enquanto uma egrégora que aglutina não só uma rede espiritual tecida por poéticas das mais diversas, mas ações no mundo material que proporcionam o refletir, o pensar, e conseqüentemente o galgar novos horizontes, inimagináveis - mostra a fragilidade de pessoas que, mesmo envolvidas com música, ainda se encontram num estágio perceptivo embrutecido, pois não conseguem enxergar a importância de um acontecimento deste porte que tem o poder de transformar cabeças, reconstruir conceitos, estimular o processo criativo e fazer história.

Ainda bem que é assim. A unanimidade, além de burra, despluga os impulsos criativos. Ainda bem que temos de lutar para fazer o melhor, não como guerrilheiros, até a morte, mas como monges, guardando às sete chaves uma Tradição que inexoravelmente perdurará, mesmo contra a vontade dos imbecis e contra os tsunamis da ignorância.

Bem vindos à II Bienal de Música Brasileira Contemporânea de Mato Grosso!

Roberto Victorio